

O BRICOLEUR, UMA CLÍNICA RIZOMÁTICA E O “FAZER PSI”: REPENSANDO AS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

Wagner Leite de Souza¹

Andréa Adriana da Silva²

Débora Cristina da SilvaAlves³

Christian B. O. Conce Rocha⁴

Thalita C. L. Melo⁵

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca do termo *bricolagem*, tomando-o enquanto uma forma metodológica que visa repensar as 'práticas Psi', problematizando assim o fazer clínico numa vertente transdisciplinar. Tal reflexão serve como um aparato que dá subsídios para que o profissional (*bricoleur*) se esquive da lógica cientificista por intermédio desse processo conhecido como *bricolagem* que objetiva promover uma inter-relação com outros saberes, como por exemplo: Antropologia, artes, filosofia, sociologia, saberes populares, etc. Dessa forma, por meio de uma revisão bibliográfica e sob a influência das ideias de Deleuze e Guattari será enfatizado a necessidade da emergência de uma clínica rizomática, que com base na *bricolagem*, possa criar as ferramentas e/ou instrumentos que visem dar o suporte necessário frente às atuais demandas trazidas ao profissional Psi.

PALAVRAS CHAVES

Psicologia. *Bricolagem*. Transdisciplinaridade. Rizoma, Clínica.

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the term *DIY*, taking it as its own methodological way, once it aims to rethink the “Psi practices”, thus questioning the usual clinical method in a transdisciplinary point of view. Such reflection serves as an apparatus that aids the professional (bricoleur) to evade away from scientific logic through this process known as *DIY* which aims to promote an interrelationship with other knowledge, such as: anthropology, arts, philosophy, sociology, popular knowledge, etc. Therefore, through a literature review, and under the influence of Deleuze and Guattari’s ideas, the text will emphasize the need for the emergence of a rhizomatic clinic, that based in *DIY*, will be able to create the tools that aim to provide the necessary support in the face of current demands brought to the Psi professional.

KEYWORDS

Psychology, *DIY (Do It Yourself)*, transdisciplinarity, rhizome, clinic.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia durante o final do século XIX, referenciada por uma perspectiva evolucionista e adaptacionista, buscando seu reconhecimento como Ciência, importou das chamadas “ciências duras” seus métodos de investigação e experimentação, aos quais ainda se vincula na maior parte de suas práticas cotidianas (como avaliações psicológicas, testagens, estabelecimento de perfis de personalidade, diagnósticos etc.). Dentre as diversas correntes teóricas havia em comum a referência a um discurso de cientificidade, manifesto pela proposição de acesso, mensuração e controle do psiquismo (GUARESHI; HÜNING, 2005).

Essa lógica de controle e de interesses que visavam universalizar o indivíduo começou a mudar quando a psicologia passou a dar ênfase àquilo que diferia o homem e não mais no que o tornava igual a qualquer ser vivo, pois, passou a reconhecer sua história pessoal e a colocar em questão a análise dos sentidos da conduta humana. E isso ficou notável devido ao estudo objetivo das significações que surgiu com a emergência da psicanálise.

No entanto, ainda nota-se em nossa atualidade uma atuação fragmentada, sendo necessário repensar o ‘fazer Psi’ por meio de uma crítica que vise apontar a necessidade de uma prática transdisciplinar que tenha por objetivo promover uma inter-relação com outros saberes, como por exemplo: Antropologia, artes, filosofia, sociologia, saberes populares etc. Nesse sentido, o presente artigo, tem por objetivo sob influência das ideias de Deleuze e Guattari, que se apropriam do conceito de *bricolagem* proposto por Lévi-Strauss, enfatizar a necessidade da emergência de

uma clínica rizomática que por intermédio de um processo de *bricolagem* possa criar as ferramentas que visem dar o suporte necessário frente às atuais demandas trazidas ao profissional Psi.

No presente trabalho serão discutidas questões que abrangem a 'prática psi', além de enfatizar o *bricoleur* enquanto o agente que faz uso da *bricolagem* como uma ferramenta metodológica que o permitir pensar um novo fazer clínico, e por meio de um processo crítico-criativo articular diferentes saberes em sua atuação, ampliando assim sua visão, além de lhe possibilitar recursos que por intermédio de uma reflexão possa problematizar e conseqüentemente elaborar intervenções que visem acompanhar as atuais demandas do contexto vigente.

2 BRICOLAGEM: UM PASSEIO PELO CONCEITO

A palavra *bricolagem* tem origem francesa e foi trabalhada por Lévi-Strauss (1908-2009). A partir de estudos filosóficos e antropológicos do termo foi possível identificar o pensamento lógico que embasa e dá subsídios para a consolidação da *bricolagem* nos mais diversos campos da ciência. Como afirma Ichikawa e Rampazo (2009), todo o conhecimento acumulado na passagem dos séculos pelos seres humanos não foi criado somente após o nascimento da ciência moderna, mas veio antes do surgimento desta, portanto sempre foi considerado o resultado de acidentes, como se surgissem por acaso. Para Lévi-Strauss (1970), antes do rigor científico, com o controle das variáveis e a validação dos procedimentos, já se construía um saber sistemático resultado da observação e da experimentação, o que sustentou o nascimento da ciência moderna.

Loddi e Martins (2009) ressaltam que Strauss (1970) também acreditava que a gênese de todo conhecimento provinha do pensamento científico que, por sua vez, se dava de duas formas: a primeira, aproximadamente ajustada e apoiada pela percepção e imaginação; e a segunda sem apoio algum. A primeira, amarrada à intuição sensível e à curiosidade, e a segunda afastada dela. Assim sendo, o conhecimento "primitivo", ou "primeira ciência" é um tipo de pensamento científico que se guia pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo. Essa Primeira ciência foi intitulada pelo termo *bricolagem*, que antropológicamente seria uma união de vários elementos para formação de outro.

Essa ideia traz a noção de dinâmica cultural no âmbito das ciências, que significa pensar que a produção é advinda do contexto, porém retraduzidas em função de modelos anteriores. Isto caracteriza uma seleção de conjuntos de relações históricas que, ao mesmo tempo em que reproduzem velhas categorias culturais, lhes dão novos valores retirados de um contexto pragmático (SCHWARCZ, 1999).

O conceito de *bricolage* foi utilizado por Lévi-Strauss (1908-2009) na obra O pensamento selvagem (*pensée sauvage*), e indicava um modo particular de pensar intitulado de "pensamento mágico". Segundo Ichikawa e Rampazo (2009), Lévi-Strauss divergia do pensamento de que para os povos "primitivos" o conhecimento seria construído apenas de uma causa prática, entretanto, mais que uma funcionalidade, o conhecimento atendia ao requisito de colocar ordem no universo. De acordo com Lévi-Strauss (1970), toda ação ordenadora (ex: conhecimento) incita o pensamento de que a utilidade (causa prática) a teria provocado, sendo que muitas dessas ações são essencialmente intuitivas.

Esse sistema de operações rituais das sociedades primitivas sem escrita, se deu por meio de objetos naturais e as suas presumidas conexões, porém tornam igualmente manifestas as operações mentais (classificação, hierarquização, causalidade, homologia) que não diferem daquelas do pensamento científico, mesmo se os fenômenos que se aplicam e os conhecimentos que produzem as fazem parecer muito distantes dessas. Esse pensamento selvagem de Strauss exerce força sobre as categorias sensíveis, e ordena os caracteres visíveis mais significativos dos objetos para convertê-los em signos. Os mitos e os ritos exemplificam bem isso, pois são formas de ressalva e reflexão constituídas a partir da "organização e da exploração especulativa do mundo sensível" (DESCOLA, 2009 p. 149).

À diferença dos conceitos abstratos que a ciência utiliza, esses signos estão ainda presos às imagens das quais tiram sua existência, mas já possuem um grau suficiente de autonomia em relação a seus referentes para poder ser empregados. A lógica do sensível é assim uma *bricolagem intelectual* que explora um pequeno repertório de relações permutáveis no interior de um conjunto e trabalha para a formação de um novo sistema (DESCOLA, 2009).

Já o termo *bricoleur*, vem sendo uma espécie de construtor, um trabalhador que executa tais tarefas para a formação desse sistema; porém não está subordinado a nenhuma delas, tão pouco à obtenção de matérias-primas e de ferramentas. Antes seu mundo instrumental é fechado, e ele procura arranjar-se com o que têm.

Para Loddi e Martins (2009), esse indivíduo realiza suas obras a partir de uma lógica divergente à do arquiteto: ele não elabora previamente um plano, ou um projeto com começo, meio e fim, mas desenvolve sua construção à medida que dispõe de material e ferramentas, em um desenvolvimento contínuo não programado, lidando diretamente com o acaso, o imprevisto e o imprevisto.

Um morador da favela, por exemplo, que se dispõe a construir sua casa, a partir das ferramentas que o seu meio disponibiliza, caracteriza-se como um construtor *bricoleur* que coleta continuamente materiais para a construção e aumento de sua casa, em uma obra que nunca cessa. Zaluar (1999) expõe a obra de Gabriel Joaquim dos

Santos, enquanto um *bricoleur* que construiu em um município do Rio de Janeiro sua casa, que é conhecida como “Casa Flor”. Ficou famosa e vista como arquitetura espontânea, construída com utensílios recolhidos do lixo, tais como: pedaços de louça, vidro, cacos de cerâmica, azulejos, telhas de barro, garrafas, espelhos etc. Assim, Loddi e Martins (2009) destacam que *bricolagem* surge então como uma arquitetura vinculada fundamentalmente à ideia do improvisado, do acaso, que é produzida no lance de dados, e até mesmo podendo ser uma arquitetura sem projeto.

Outro exemplo de um agente *bricoleur* pode ser visto no artista plástico Artur Bispo do Rosário, que foi diagnosticado com transtornos psiquiátricos. Soares (2000) coloca que foi durante os anos em que esteve internado na Colônia Juliano Moreira que produziu a maioria de seus trabalhos dentre pinturas, esculturas, bordados e colagens com utilização de materiais os mais variados possíveis. Coloca que Bispo afirma ter ouvido uma voz que falara: “Está na hora de reconstruir o mundo!” Suas obras partem da sua maneira de enxergar o mundo, de reconstruir seu mundo, algo que leva a uma forma de compreensão transcendente. Para fabricar sua arte, Bispo utilizava objetos recolhidos do seu cotidiano, uma *bricolagem* criativa que produzia a expressão instintiva mais singular. Portanto, a *bricolagem* para ambos os casos se constitui como um ricochetear, enviesar, zigue-zaguear, contornar.

O *Bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas, porém, ao contrário do engenheiro não estando subordinado a nenhuma delas à obtenção de matérias – primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado e a regra do seu jogo é sempre arranjar-se com seus meios limites, isto é, um conjunto sempre finito de utensílio e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentam para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores. (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 33).

Bricoleur, segundo Levvi- Strauss (1908 – 2009), caracteriza-se então como aquele que faz o trabalho com as mãos, e para isso ele faz uso de meios indiretos e é comparado com um artista, ou seja, é aquele que inventa maneiras de operar com os recursos de que dispõe, algo que é excêntrico, fora do comum, materiais recolhidos e guardados para serem utilizados depois. Ao contrário do homem das artes, o arquiteto, o *bricoleur* não vai diretamente a um objetivo ou em direção à totalidade: ele age segundo uma prática fragmentária, dando voltas e contornos, numa atividade não planejada e empírica (LODDI; MARTINS, 2009).

3 A *BRICOLAGEM* ENQUANTO FERRAMENTA PARA O PESQUISADOR SOCIAL

Para que fique mais claro, a noção de *bricolagem* aqui ressaltada, pode-se recorrer a seguinte analogia: temos um mosaico que é constituído por partes que convergem para um todo uniforme. No mosaico há ligação evidente, logo, há diálogo, mas mais que isso, há homogeneidade do todo. Em contrapartida, temos a *bricolagem* que é constituída por partes que divergem entre si e formam um todo heterogêneo, há uma aparente não coesão embora as peças dialoguem. Na *bricolagem* a estrutura não é universal, portanto esta age de diferentes maneiras conforme o contexto histórico, social, cultural, econômico, político, psicológico e pedagógico. Por meio dela é possível construir um método de pesquisa, enquanto processo ativo, onde cada pesquisador fará uso das ferramentas que têm em mãos, não deixando de lado o objeto de pesquisa.

Fazendo menção à *bricolagem* enquanto método de pesquisa, vale frisar a atuação do pesquisador, do *bricoleur*, já que este faz uso de tal metodologia. De acordo com Ichikawa e Rampazo (2009), o *bricoleur*, não se limita aos conceitos científicos, no entanto, faz uso de outras formas de recurso que ele mesmo já possui, não operando num plano previamente definido, muito pelo contrário, o mesmo fará uso da *bricolagem* intelectual, elaborando estruturas a partir das ferramentas que possui.

O *bricoleur* visa trabalhar nos limites do conhecimento, realizando conexões entre os espaços e as margens que existem no conhecimento formal, proporcionando forma para uma nova consciência. O objetivo não está em apenas juntar partes de coisas variadas, mas conectá-las, e por meio de um rizoma criar algo novo, fazendo tantas conexões onde talvez não saberão dizer do que de fato se trata, mas, poderão ser notadas por meio dos traços e da estrutura as ferramentas que foram usadas para construção desse dito fazer sempre inacabado, chamado *bricolagem*. E o interessante é que por se tratar de uma construção pautada numa transdisciplinaridade o *bricoleur* não desconsidera o contexto da pesquisa, mas muito pelo contrário cria uma forma de atuação que visa analisar o contexto vigente.

O *bricoleur* rejeita modelos que forneçam uma visão simplista a respeito da realidade e que tornam padrão o mundo social, porque já notou que o contato do pesquisador com o objeto de pesquisa é sempre complicado, variável, imprevisto e, claro, complexo. Sendo assim, o pesquisador *bricoleur* utiliza uma diversidade de perspectivas para contextualizar o objeto de pesquisa, passando pelo quadro macrosocial, cultural, político, filosófico, histórico, pedagógico e econômico. Isto é importante, sobretudo, para o momento da problematização e da contextualização da pesquisa, mas, essa postura deve se fazer presente durante todas as fases da investigação (ICHIKAWA; RAMPAZO, 2009).

Os *bricoleurs* de fato inventam novas formas de rigor e novos desafios a outros pesquisadores, com a finalidade de que ampliem os limites metodológicos e interpre-

tativos. Esse agente se faz um negociador entre a teoria e a situação que se apresenta, usando, portanto, múltiplas perspectivas, promovendo o ecletismo, criando muitas vezes, formas particulares de enxergar o mundo social. Por meio da relação que o *bricoleur* mantém com essa múltipla diversidade de saberes, o mesmo passa a estar sujeito a possibilidades de formulações e reformulações de questões antes não imaginadas, e é esse movimento, portanto, que define o pesquisador *bricoleur*.

A *bricolagem*, portanto, vem fornecer para o *bricoleur* uma interpretação vasta a respeito do objeto de pesquisa, pois, tal interpretação pode ocorrer com base em múltiplas perspectivas, conforme as escolhas do pesquisador e, levando também em consideração o que for encontrado por ele em campo. Com base nessa capacidade de despertar uma necessidade e conseqüentemente possibilidades de criação, Ichikawa e Rampazo (2009), ressaltam que a *bricolagem* na ciência, devido a essas e outras características, não deixa também de ser arte, no sentido de se estimular o uso da criatividade. Assim, acabamos descobrindo mais sobre ela no dia a dia da pesquisa, pois é quando nos deparamos com encruzilhadas teóricas, com o inesperado, com a necessidade de improvisar, e assim a colocamos em ação. Fazer *bricolagem* é uma aventura que faz parte do fazer ciência.

4 A EXPERIMENTAÇÃO DA BRICOLAGEM NA CLÍNICA: UMA PRÁTICA TRANSDISCIPLINAR

Joe L. Kincheloe (2004), em sua obra *Introduction: the power of the Bricolage: expanding research methods*, aprofunda e defende uma nova dimensão do conceito de *bricolagem* proposto por Lévi Strauss, essa nova proposta torna-se bem mais ajustada à pesquisa dentro da dinâmica de um mundo complexo. O centro desta nova concepção de *bricolagem* é a interdisciplinaridade, que proporciona numerosos contextos para a pesquisa (ICHIKAWA; RAMPAZO, 2009). No entanto, diante da crítica que é feita às fragmentações das ciências contemporâneas e que proporciona diversas discursões epistemológicas, colocando em pauta as complexidades dos fenômenos e dos ditos paradigmas do conhecimento, surgem vários modelos de prática de atuação que visam dar as respostas para as possíveis problemáticas que venham a surgir ou que já estejam presentes num dado contexto. Esses modelos são designados como: multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

Romagnoli e Sousa (2012) ressaltam que na prática disciplinar, o que se percebe são territórios bem marcados, delimitados, em que não há um fluxo de passagem e trocas de saber, apresentando-se uma segmentaridade rígida, o que mantém a posição hierárquica e centrada das disciplinas. As práticas “multi” podem ser visualizadas quando há uma justaposição de duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos e sem correlação e troca de informações entre elas. Nesse caso, cada disciplina possui seu saber específico e apenas faz leituras e intervenções concomitantes acerca da problemática apresentada. Por sua vez as práticas interdisciplinares (“inter”), promo-

vem mudanças estruturais ao possibilitar um trabalho integrado com campos de saber conexos, gerando reciprocidade e aprendizagem mútua.

Apesar da interação participativa, ainda existe uma separação, uma centralização do saber e uma diferença nas relações de poder entre os campos implicados, ou seja, o que vemos como efeitos da interdisciplinaridade é a manutenção das fronteiras disciplinares, dos objetos e dos sujeitos desses saberes. Por outro lado, a prática “trans” vem desnaturalizar a visão estratificada dos “campos de saber-poder”, ao reforçar o caráter transitório e múltiplo de cada disciplina.

As perguntas possibilitam deslocarmo-nos do território habitual, estremecendo nossas certezas, desestabilizando velhos esquemas. É nessa “fragilidade” que conseguimos criar algo novo. O pensamento “trans” dá trabalho porque exige uma intensificação do fluxo do pensamento, torna-se um exercício em que não descansamos nunca. Sendo assim, ao apresentarmos as possibilidades de práticas (“multi”, “inter” e “trans”), sabemos que esses modos de intervir podem caminhar em diferentes direções, dependendo das aberturas, das conexões e das indagações que os profissionais estabelecem com os devires, a cada momento. Os caminhos percorridos não ocorrem por etapas em que o pensamento vai avançando do “multi” ao “inter” até chegar ao destino final, o pensamento “trans”. A relação entre os diferentes tipos de prática não é linear e tampouco evolutiva. Muito pelo contrário, este é um processo complexo, de idas e vindas, composto por múltiplas direções e linhas, em que as práticas se diferenciam pelos movimentos, os agenciamentos e as inquietudes que levam à problematização dos territórios, a configurações dinâmicas e transitórias. (ROMAGNOLI; SOUSA, 2012, p. 81).

Tais perspectivas apresentam diferenças nos “campos de saber-fazer”, onde ideias utilizadas apresentam semelhanças com as características das práticas “trans”, em especial com a noção de transdisciplinaridade e os princípios do rizoma proposto por Deleuze e Guattari, afirmando que a

[...] *bricolagem* possui um sentido parcialmente parecido com o conceito de rizoma, pois, um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. Rizoma é aliança, unicamente aliança, ele tem como tecido a conjunção, há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

O campo transdisciplinar possibilita uma articulação com diferentes disciplinas, saberes e práticas. Essa forma de interrelacionar saberes, não se restringe apenas aos saberes com status acadêmico, mas também com os campos das artes, da tecnologia e fortemente com os saberes populares. A prática trans gera um abalo nas estruturas dos campos epistemológicos do saber, por intermédio de uma força crítica que perturba as divisões encontradas nesse campo e entre as especialidades por meio das relações de poder. A transdisciplinaridade por meio de um saber-fazer convoca o profissional a fazer rizomas, ou seja, o permite caminhar entre possibilidades por meio de um sistema múltiplo, integrativo que faz uso de saberes diversos sem pauta-los em linhas hierárquicas, além de objetivar criar outros saberes, novas formas de atuação.

O profissional deve problematizar os limites de cada disciplina, pois dessa forma estará gerando certo tipo de movimento em seus pontos de congelamento e universalidade, porquanto, a atuação transdisciplinar tende a normalizar as fronteiras. No entanto, faz-se necessário que o profissional fique atento para não cair nos velhos procedimentos que tornam-se obstáculos no que se refere a possibilitar trocas e a criar novos arranjos.

Diante disso, Romagnoli e Sousa (2012, p. 80), ressaltam a seguinte reflexão para que o processo rizomático (transdisciplinar) ocorra:

É preciso ver com os olhos do outro, andar com a tecnologia, sentir com a pele da comunidade, pensar com o cérebro da filosofia, dos afetos, da ciência, da arte. Ou seja, produzir no encontro com outros saberes, no "entre" das disciplinas.

E esse "entre" das coisas de acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 36),

[...] não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

O sistema rizomático, assim como o pensamento transdisciplinar, é uma micropolítica, uma prática, que passa por uma experimentação, um exercício inevitável de tentar sair do funcionalismo, da territorialidade, do segmento e abrir-se para o novo, para a expansão e a vida. No pensamento transdisciplinar não visa-se anular as diferenças entre as disciplinas e as especificidades destas, até porque a diferença de saberes existe, mas, o que é posto em pauta é a ressonância entre eles. Existe uma relação intrínseca entre eles (os saberes diferenciados), e que a criação ocorre quando deixamos de pensar em troca e a relação passa a ser por intercessão, dom ou captura. Intercessão no sentido de provocar uma desterritorialização nos campos de saber conectados (ROMAGNOLI; SOUSA, 2012).

O que se trata aqui não é pensar fórmulas prontas para as 'práticas psi', muito pelo contrário, o objetivo é construir um fazer (um novo sempre inacabado) a partir dos saberes, do contexto, do sujeito (das subjetividades), e do todo que ali se encontra envolvido, pois não existe um método ou prática exata a ser seguida. Entende-se que a necessidade de invenção da clínica não se refere à criação de uma técnica ou um método, mas numa diferente forma de alcançar os indivíduos e as relações que estabelece com o mundo. Essa prática diz respeito a possibilidade de pensar o campo da psicologia enquanto potência para criar e recriar a cada instante, articulando-se com outras ideias e diferentes formas de intervenção.

5 A CLÍNICA FORA DA CLÍNICA

Por anos a fio repetimos padrões de atuação clínica que segue uma forma que é específica de uma determinada linha teórica, nos tornamos especialista nisso ou naquilo, o que nos autoriza tratar ou não o fenômeno psicológico que surge, uma forma de fazer ciência que se pauta em um saber específico. Com isso, emerge então a necessidade de retomar a relação da clínica com o fora da clínica, que é um convite a essa experiência que chamamos de transdisciplinar. Entre a clínica e a arte, a clínica e a filosofia, a clínica e a política, o caminho é feito por modulações (BARROS; PASSOS, 2006).

O sentido da clínica não se restringe ao movimento de inclinar-se sobre o leito do doente como a epistemologia descreve, para essa, a clínica é "derivada do grego *klinikos* ("que concerne ao leito"; de *klíne*, "leito, repouso"; de *klíno* "inclinar, dobrar)" (BARROS; PASSOS, 2001, p. 3). O ato clínico não se resume a uma forma única de enxergar o acontecido, ele se estabelece nos fluxos que acontecem no inesperado, que necessita de estratégias, que articuladas ao que se constitui não só no campo da ciência mas em outros campos do saber, produzem o novo, uma clínica fora dos moldes, uma clínica *bricoluer*.

Numa concepção singular Barros e Passos (2001) colocam que a Clínica é sempre uma figura do contemporâneo, que habita em um espaço-tempo marcado por instabilidade, e como ela está inserida nessa instabilidade, as demandas que chegam precisam ser analisadas, o que pressupõe uma postura crítica.

Dessa forma, propõem-se novas formas de organização que instaura a conexão de diversos saberes, como é apresentado em *La Borde*, uma clínica fundada em 1953 por Jean Oury, onde com o auxílio de Félix Guattari pôde iniciar um novo modo de fazer clínica a partir de uma inovadora experiência na forma de atuação por meio da Psicoterapia Institucional, indo no sentido oposto do modelo da clínica tradicional. Esse novo modelo de clínica pôde ser considerado revolucionário, uma vez que os seus antecessores, visto nessa perspectiva, atuavam como um dispositivo produtor de doentes mentais, pois pelas práticas repetitivas de tratamento, inibiam a vida na loucura. Essa nova forma de fazer clínica criticava o enclausuramento e a exclusão

dos pacientes, tanto na participação de seu próprio tratamento quanto na estruturação da vida institucional marcada por uma hierarquia rígida das relações.

Na clínica de *La Borde*¹ foi apresentada uma forma de fazer clínico pautado no convívio comunitário e nessa reinvenção no campo das intervenções psiquiátricas quebrava-se a ideia de hierarquização, de modo que a organização de seus funcionários e internos transitasse entre trocas de papéis e funções.

Os “técnicos” aceitaram, sem muito reclamar, colaborar por “revezamento” nas tarefas materiais, o que enriquecia suas ocasiões de encontros e de diálogo com os pensionistas. Em contrapartida, foi muito mais difícil obter das pessoas que haviam sido contratadas como lavadeiras, faxineiras, ou como contador, que colaborassem nos cuidados médicos e nas atividades coletivas. (GUATTARI, 1992, p. 185).

As práticas institucionais de *La Borde* pensava suas atividades de forma coletiva, ou seja, não existia um líder que tomasse decisões por seus membros, mas o estabelecimento de normas e regras se dava de forma conjunta por meio de assembleias com funcionários e os próprios internos. O intuito era de conduzir concomitantemente vivências que favorecessem uma tomada de responsabilidade grupal, fundada em uma reformulação na interação com trabalho e, mais geralmente, da existência pessoal.

De acordo com Guattari (1992), a proposta da Clínica permitiu outro olhar a respeito da loucura, passando a reconhecer esta enquanto uma forma diferente de ser no mundo. Dissemelhantemente das outras instituições que eram pautadas numa atuação desumana, fazendo com que seus ditos doentes assumissem uma postura “bestial”, e seus guardiões vestissem certa couraça atroz como forma de defesa.

Dessa forma, esse novo fazer clínico não tinha por objetivo remodelações subjetivas, mas se propunha a gerar novas formas de subjetivações. Nesse sentido, a subjetividade pode ser adjetivada como coletiva, já que circunstanciada sempre por muitos vetores. E o coletivo abrange uma multiplicidade que está para além e aquém do indivíduo e do social – multiplicidade de vetores e intensidades como os afetos, as sensibilidades artísticas, os movimentos sociais, isto é, todo um conjunto de forças que atravessam as formas individuais e as formas sociais, e que provocam a sua desestabilização e a invenção de novas composições.

Nesse processo de subjetivação existem dois extremos: uma relação de alienação na qual a subjetivação é um assujeitamento a um modelo pronto qualquer; ou

1 La Borde faz parte da história da reforma psiquiátrica na França, fundada em 1954 pelo psiquiatra Jean Oury e psicanalista Felix Guattari, trata-se de uma clínica que rejeita por completo os moldes e a forma de tratamento oferecidos em hospitais psiquiátricos tradicionais.

um processo de expressão e criação que se reapropria de componentes de subjetivação para criar territórios existenciais (BARROS; PASSOS, 2006).

Portanto, pensar a clínica fora da clínica seria pensá-la desterritorializada de um saber específico, mas acompanhar os movimentos afetivos da existência a fim de arquitetar cartas de intensidade, ou cartografias existenciais que historiam menos os estados do que os fluxos, menos as formas do que as forças, menos as propriedades de si do que os devires para fora de si.

São traçadas linhas, sedentárias, nômades, linhas de fuga (BARROS; PASSOS, 2006). A clínica fora da clínica partiria de um fazer rizomático onde o *bricoleur* faria conexões por meio de um processo crítico-criativo que o permitiria repensar as práticas psi na contemporaneidade, visto que, tais práticas encontram-se num campo rígido de atuação sendo necessário olhar além, ou seja, partir para um pensamento transdisciplinar que rompe com os limites do saber, possibilitando um atuar fora das quatro paredes dos moldes clínicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guareschi e Hüning (2005) ressaltam que Foucault (1998), enquanto um teórico que contribuiu para problematização das práticas psi, propôs ser importante questionar não apenas as possibilidades e limitações desta Ciência e dos 'saberes psi', mas também torna-se relevante pensar que outras formas estes podem assumir não com a intenção de buscar para si o caráter científico, mas, problematizando questões tais como: a que objetivos tais saberes vinculam-se ou podem vincular-se, como "funcionam" produzindo realidades e modos de subjetivação. Coloca ainda, posteriormente, que as ciências humanas são formações discursivas que durante três séculos foram se articulando em diferentes campos de saber, instituindo o sujeito da modernidade.

Desta forma, se faz necessário que a psicologia possa buscar as condições de possibilidade e de emergência de suas teorias e conhecimentos que a constituíram enquanto uma disciplina que marca determinados objetos como de seu campo de saber e ordena modos de viver.

De acordo com Romagnoli e Sousa (2012), é notável a necessidade de agenciarmos com os devires singulares e incontroláveis que desestabilizam os modos de saber-fazer psicologia, pois, estamos numa sociedade que parte do pressuposto de uma padronização da subjetividade e do desejo. Em uma época em que as desigualdades econômicas e as injustiças sociais são enormes, é fundamental que possamos realizar uma indagação acerca da nossa relação com a alteridade, o saber e os efeitos de nossas atuações. Ao pensarmos no campo da psicologia, percebemos, então, um de seus grandes desafios: a urgência de produzir práticas clínicas para problematizar as

formas de subjetividade e adoecimento psíquico que são produzidas nessa situação, como uma das possibilidades de enfrentamento desse plano de forças.

É de fundamental importância fazer uma análise da relação entre a formação do profissional-psicólogo e das exigências que serão feitas a esse no momento em que ele for inserido no respectivo contexto no qual irá atuar. Nota-se um certo tipo de formação pautada em ideias e pensamentos fixos, rígidos, que não acompanham as intensas mudanças da contemporaneidade que o convocam para um pensamento “transdisciplinar. E dessa forma acaba ficando evidente uma reprodução de modelos antigos, sem crítica e sem contextualizar o atual momento em que a psicologia é convocada a atuar.

Como bem é visto nas teorizações foucaultianas, que não nos oferecem uma resposta acabada sobre outro modo de fazer psicologia, mas, visa nos possibilitar um reposicionamento das questões relativas às suas práticas, lançar outro olhar, pensar por outros caminhos, o que, como efeito, transforma o próprio fazer psi (GUARESCHI; HÜNING, 2005). É partindo desse pressuposto, que se nota a necessidade de buscar uma visão transdisciplinar que vise enriquecer o fazer psicologia, adaptando-o assim, ao contexto social atual, visando quebrar o velho paradigma que busca entender o sujeito enquanto ser universal, passando agora a reconhecê-lo enquanto um ser que tem consciência de suas necessidades, e dessa forma a psicologia se esquivará da lógica de controle e da ordenação que objetiva enquadrar o sujeito num processo de padronização.

Deve-se evidenciar as implicações políticas do ‘discurso psi’, questionar suas funções de poder-saber, pois, destas resulta as rupturas ontológicas e epistemológicas do modelo da Psicologia tradicional (GUARESCHI; HÜNING, 2005). Torna-se necessário partirmos para uma desconstrução do processo de subjetivação, por meio de uma atuação política que se esquive da lógica cientificista. Tal atuação política estaria pautada numa visão transdisciplinar, por meio de uma *bricolagem*, a qual agrega saberes e a partir deles constrói outros, e isso se deve por meio de uma problematização do campo de atuação e dos saberes que se encontram agrupados a este.

Por intermédio dessa problematização e conseqüentemente da construção de novas formas de atuação, o profissional, que neste caso, pode ser reconhecido enquanto um *bricoleur* seria um gerador de possibilidades, ou seja, um facilitador de processos de singularização, cooperando assim, para o desenvolvimento da autonomia do sujeito, fazendo com que este reconheça sua capacidade de auto analisar e se auto gestar.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa**, PUC-RJ, v.13, n.1, 2001. p.89-99.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Passagens da clínica. **Polifonias**: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: 2006. p.89-100.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.; **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. V.1, São Paulo: 34, 1995.

DESCOLA, P. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estudos Avançados**, v.23, n.69, São Paulo, ago. 2009. p.148-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142009000300019&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 jul. 2015.

GUARESCHI, N. M. F.; HÜNING, S. M. Problematizações das práticas psi: articulações com o pensamento foucaultiano. **Athenea Digital**, n.8, Rio Grande do Sul, 2005. p.95-108.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: 34, 1992.

ICHIKAWA, E. Y.; RAMPAZO, A. V. Bricolage: a Busca pela Compreensão de Novas Perspectivas em Pesquisa Social. **II EnEPQ**, Curitiba-PR, nov. 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural dois. In: **Os três humanismos**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1976.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional; USP, 1970.

LODDI, L.; MARTINS, R. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**. n.3, Santa Catarina, 2009.

ROMAGNOLI, R. C.; SOUSA, L. S. Considerações acerca da articulação clínica, rizoma e transdisciplinaridade. **Mnemosine**. v.8, n.1, Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p.72-89.

SCHWARCZ, L. K. M. História e Etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira. **Revista Antropologias**, v.42, n.1-2, 1999, p.199-222. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011999000100011>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ZALUAR, A. A casa da flor: uma tentativa de compreensão. In: FUÃO, F. (Coord.). **Arquiteturas fantásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

Recebido em: 17 de setembro de 2015

Avaliado em: 29 de novembro de 2015

Aceito em: 5 de março de 2016

1. Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT / AL. E-mail:wagnersouzar@hotmail.com

2. Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT / AL. E-mail:deia-82@hotmail.com

3. Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT / AL. E-mail:deboracsalves@gmail.com

4. Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT / AL. E-mail:christian_oi10@hotmail.com

5. Psicóloga e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT / AL. E-mail:thalitalima@gmail.com